



A evolução da mulher na profissão de jornalista em Portugal

Universidade Autónoma de Lisboa



Índice

Introdução	3
Definição de jornalismo	4
A primeira mulher jornalista em Portugal	3
A mulher na década de 60	6
O “ boom ” da mulher no jornalismo – A grande evolução	9
A mulher e o jornalismo nos dias de hoje	11
Conclusão	14

Introdução

Optámos pelo tema “A evolução da mulher na profissão de jornalista em Portugal, por várias razões, das quais se destacam: o gosto pela profissão de jornalista, a curiosidade de como se “vive” nesse meio sendo a mulher ainda uma das “vítimas” de discriminação.

Pretendemos ao longo deste trabalho dar destaque à grande evolução que a Mulher adquiriu ao longo de todos estes anos em várias áreas (pessoal e profissional).

Segundo a gramática da língua portuguesa a palavra “jornalista” é: um substantivo comum de dois gêneros – ou seja, o género masculino e feminino são idênticas, apenas diferentes na presença de um artigo, um adjetivo ou um pronome. Usamos a palavra “jornalista” indistintamente, para referir-nos a ambos os sexos, e apenas com a presença de um modificador pode-se determinar se estamos falando de um homem ou de uma mulher. Sendo as funções de um jornalista: informar, formar e distrair.

Já o jornalismo é “ conjunto de meios e técnicas de informação caracterizado pela actualidade, periodicidade, difusão e recepção colectivas através dos meios de comunicação de massas (imprensa, rádio, televisão, etc)'' (Nova Enciclopédia Larousse)

A primeira Mulher jornalista em Portugal



Manuela de Azevedo foi a primeira mulher jornalista portuguesa a entrar nos quadros de uma redacção de um jornal começando pelo jornal República. Nasceu no dia 31 de Agosto de 1911 e durante toda a sua vida escreveu abundantemente, começou por escrever poemas e artigos para os jornais da região de Mangualde onde vivia. Foi professora e o seu primeiro livro editado tinha como título “ Claridade”.

Quando veio para Lisboa trabalhou em vários jornais, entre eles: A república, Diário de Lisboa e o Diário de Notícias.

No Diário de Notícias trabalhou até aos 80 anos e especializou-se em reportagens e crítica teatral. Depois do 25 de Abril de 1974 foi afastada do DN e só regressou, com o grupo dos 24 expulsos, após o 25 de Novembro de 1975.

Em 2010 editou o livro “Memória de uma Mulher de Letras” onde recorda a sua vida, a censura e muitas das personalidades que conheceu durante o tempo que exercia a sua profissão.

A Mulher na década de 60



Durante muito tempo a mulher portuguesa, como muitas outras, viviam numa sociedade com muitas restrições e proibições em relação à mulher nas várias áreas, por exemplo: era impedida de votar, era dependente do seu marido, nomeadamente a saída do país tinha que ser ou não autorizada pelo marido, só podia exercer profissões que exigissem pouca ou nenhuma escolaridade.

Depois da Revolução Francesa (1790) começou a haver uma reflexão sobre a questão da igualdade dos sexos e a partir daí só se multiplicaram os movimentos feministas.

Estes movimentos feministas pretendiam defender as mulheres e as suas virtudes e também os seus privilégios legais, tendo como mentalidade “ a mulher livre ao lado do homem livre”, visavam desta forma estabelecer os direitos e deveres iguais tanto para a mulher como para o homem nos sectores sociais, políticos, jurídicos e económicos. Em Portugal esses movimentos tinham forma na Liga Republicana das mulheres portuguesas dirigida por Ana de Castro Osório, a pioneira em Portugal na luta pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher. Escreveu em 1905, *Mulheres Portuguesas*, o primeiro manifesto feminista português.

A questão da igualdade de direitos para as mulheres era uma questão com muito significado numa época de transformações sociais e políticas, como o século XIX. Esses sinais de mudança podem ser registados como na primeira constituição (1822) que estabelecia a igualdade para todos sem referência no entanto para as mulheres, por exemplo, na prática a mulher não estaria impedida de votar mas isso ainda era impensável. O ponto de viragem veio com a promulgação do novo código civil de 1966, que embora mantenha a estrutura tradicional da família sobre o poder paterno trouxe algumas melhorias, tais como, a mulher casada já podia exercer uma profissão liberal mesmo sem autorização do marido e podia também dispor do seu salário o que foi um passo muito importante para a autonomia

da mulher, no entanto o marido podia denunciar o contrato de trabalho da mulher.

Em 1968 houve outro grande avanço para a autonomia da Mulher e esta passou a poder participar na vida política, ou seja começou a votar. Em Portugal foi Carolina Beatriz Ângelo a primeira mulher a votar.

A caminhada na emancipação da mulher começava a dar resultados.



Carolina Beatriz Ângelo (Alma Feminina, n.º 15, 1907).

O “ boom ” da mulher no jornalismo – A grande evolução

Com todas as alterações tanto nas mentalidades na sociedade como em termos de leis a mulher passou a ter um papel completamente diferente na sociedade. A nova Constituição vinha e muito alterar o estatuto da mulher como se pode ver nos quadros abaixo;

A Constituição portuguesa em 25 de Abril de 1974	A Constituição portuguesa na actualidade
<p>§ 2.º – <u>A igualdade perante a lei</u> envolve o direito de ser provido nos cargos públicos, conforme a capacidade ou serviços prestados, e a negação de qualquer privilégio de nascimento, raça, sexo, religião ou condição social, <u>salvas quanto ao sexo, as diferenças de tratamento justificadas pela natureza</u> e, quanto aos encargos ou vantagens dos cidadãos, as impostas pela diversidade das circunstâncias ou pela natureza das coisas.</p>	<p><u>Artigo 13.º – Princípio da Igualdade</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. 2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social. <p><u>Artigo 9.º – Tarefas fundamentais do Estado</u></p> <p>São tarefas fundamentais do Estado:</p> <ol style="list-style-type: none"> h) Promover a igualdade entre homens e mulheres.
A Constituição portuguesa em 25 de Abril de 1974	A Constituição portuguesa na actualidade
<p><u>Artigo 8.º</u></p> <p>Constituem direitos e garantias individuais dos cidadãos portugueses:</p> <p>7.º – <u>A liberdade de escolha</u> de profissão ou género de trabalho, indústria ou comércio, <u>salvas as restrições legais requeridas pelo bem comum...</u></p>	<p><u>Artigo 58.º – Direito ao trabalho</u></p> <p><u>Todos têm direito ao trabalho.</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Para assegurar o direito ao trabalho, incumbe ao Estado promover: <ol style="list-style-type: none"> b) <u>A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais</u>

Em matéria de igualdade entre os Homens e as Mulheres pode-se dizer que a lei é boa (como se pode constatar ao analisar os quadros) e até muito avançada, o problema é que não é cumprida talvez porque a igualdade entre os Homens e as Mulheres não se faz por decreto.

A mulher e o jornalismo nos dias de hoje

Nos dias de hoje a mulher não só começou a frequentar o ensino básico como já 60% das mulheres frequenta o ensino universitário que antes lhe era barrado.

Atualmente a mulher já tem acesso a profissões com maior visibilidade como a medicina o jornalismo e a magistratura. Desde o final da década de 80 assiste-se a um aumento substancial do número de mulheres a entrar na profissão de jornalistas, o jornalismo deixou assim de ser uma profissão de homens.

As universidades mais frequentes nos cursos de Comunicação Social e Jornalismo por parte das mulheres são : A universidade Nova, Católica e Autónoma.

Como mostra o quadro seguinte:

		F.C.S.H.Univ.Nova		F.C.H.Univ.Católica		Univ.Autónoma		Total	
		%	N	%	N	%	N	%	N
Totais	Masculino	26.2	(28)	39.0	(23)	31.0	(23)	30.7	(74)
	Feminino	73.8	(79)	61.0	(36)	69.3	(52)	69.3	(167)
	Total	100.0	(107)	100.0	(59)	100.0	(75)	100.0	(241)

Fonte: Filipa Subtil

Com a análise deste quadro é bem notável que a frequência por Mulheres nestas três faculdades é superior a dos Homens e esse valor é significativo pois em todas elas as Mulheres ocupam sempre mais de metade dos lugares.

Apesar de neste momento o número de mulheres jornalistas estar constantemente a crescer os lugares de chefia continuam a ser de difícil acesso as mulheres dirigentes são praticamente inexistentes, por outro lado nas redações mais de metade dos funcionários são mulheres.

Nas categorias profissionais com cargos de decisão/poder as mulheres que lá exercem esse cargo são em maior número de faixas etárias mais jovens.

Nos meios de comunicação de imprensa, rádio e televisão são as mulheres que possuem as mais elevadas habilitações académicas, na rádio a grande maioria das jornalistas inscreve-se na categoria de "redator/repórter" na faixa etária dos 25 aos 34 anos de idade.

Os dados (gráfico abaixo) provam que as mulheres entram mais cedo na profissão que os homens, mas apesar disso e apesar de exercerem cargos idênticos não ganham o mesmo salário que os homens. Isto apesar de a lei estabelecer a obrigatoriedade de pagar um salário igual por um trabalho igual desde 24 de Novembro de 1969.

Idade por intervalos		Sexo	
		Masculino	Feminino
	18-19	0	1
	20-24	53	78
	25-29	406	655
	30-34	735	849
	35-39	819	596
	40-44	645	403
	45-49	463	196
	50-54	344	94
	55-59	322	55
	60-64	249	39
	65-69	130	20
	70-74	79	14
	75-79	43	4
	> 80	28	1
Total		4316	3005

Esta afirmação é confirmada pelo quadro do Eurostat seguinte :

Quadro 4.7 – Ganho Médio Mensal de Mulheres e Homens, 2007-2009 (Euros)

	2007		2008		2009	
	Abril	Outubro	Abril	Outubro	Abril	Outubro
Mulheres	859,0	869,5	894,6	906,2	946,3	948,9
Homens	1 143,0	1 152,9	1 185,8	1 190,4	1 203,9	1 215,0
% de M/H	75,2%	75,4%	75,4%	76,1%	78,6%	78,1%

Fonte: MTSS/GEP, 2010.

Conclusão

Com a realização deste trabalhos chegámos a conclusão que após muitos movimentos feministas e o 25 de Abril a Mulher passou a ser vista em sociedade num grau de igualdade perante o Homem. Com isto passou a poder exercer as mesmas profissões que os Homens que antes lhes eram proibidas.

Na nossa opinião a inteligência não se mede pelo género, pela aparência, pela beleza ou pela personalidade, todos nós possuímos inteligência e devemos ser tratados da mesma forma.

A Mulher nos dias de hoje tem um papel muito importante na sociedade, pois além de estar presente na vida activa contiunua com o seu papel de “dona de casa”.

Concluimos então que apesar de tudo “ Na realidade Homens e Mulheres são ambos iguais e diferentes”, como refere Cynthia Cockburn.

Bibliografia

- Rebelo, Dulce; “As conquistas democráticas da mulher portuguesa”.
- Correia, Fernando e Baptista, Carla Carla “Anos 60: um período de viragem no jornalismo português”.
- Subtil, Filipa; “ As mulheres jornalistas”.
- Salim, Isabela; “ A feminização do jornalismo em Portugal”, Revista trajecto.
- Medina, João; “História de Portugal dos tempos pré-históricos dos nossos dias; volume XX.
- Cascais, Fernando; Dicionário de jornalismo.
- Nove enciclopédia Larousse
- www.visão.pt